

FESTIVAL DO ÇAIRÉ/SAIRÉ EM ALTER DO CHÃO: O HOMEM, O LUGAR E A LÍNGUA

ÇAIRÉ / SAIRÉ FESTIVAL IN ALTER DO CHÃO: MAN, PLACE AND LANGUAGE

Sirlene Antonia Rodrigues Costa*

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a relação entre ecossistema linguístico e meio ambiente, a partir do evento O Festival de Çairé/ Sairé em Alter do Chão - PA. Para tanto, servirão de exemplos de interações e inter-relações, intermediadas na e pela língua/linguagem, algumas atividades culturais que ocorrem durante o Festival. Essas interações e inter-relações são expressas por meio da escolha das temáticas e dos recursos de língua/linguagem demonstrados durante a Festa. As análises e discussões foram fundamentadas nas concepções e pressupostos de autores da Ecolinguística, a partir da tríade: língua (L), população (P) e território (T).

Palavras-chave: Festival Çairé/Sairé. Língua/Linguagem. Ecolinguística.

ABSTRACT

This article aims to discuss the relationship between linguistic ecosystem and environment, from the event The Çairé Festival / Sairé in Alter do Chão - PA. Therefore, they serve as examples of interactions and interrelationships, mediated in and through language / language, some cultural activities that take place during the Festival. These interactions and interrelationships are expressed through the choice of themes and language resources / language shown during the Festival. The analyzes and discussions were based on the Ecolinguistics conceptions and presuppositions, from the triad: language (L), population (P) and territory (T).

Keywords: Çairé / Sairé Festival. Language. Ecolinguistics.

*Aluna do Programa de Pós-Graduação da FALE – Faculdade de Letras da UFMG, nível Doutorado. E-mail: sirleneletras@bol.com.br

1 INTRODUÇÃO

Os seres vivos e os não vivos, humanos e não humanos, necessitam estar em um espaço físico, em um território para se situarem sobre a superfície da terra. Para os seres vivos, de forma geral, este espaço é muito mais do que um simples lugar situado sobre a terra, mas é o espaço físico que, na maioria das vezes, lhes proporciona condições de existência no planeta, é o seu *habitat*, em referência ao termo empregado pela ecologia. As plantas, os animais e os seres humanos dependem das condições do lugar, do ambiente em que seu “corpo” se encontra “instalado” para continuarem vivendo, ou não, neste planeta.

Contudo, sabe-se também que de todas as demais espécies, para o ser humano o seu lugar no mundo, seu *habitat*, tem um significado ainda maior, devido a uma série de fatores, dentre eles, a nossa necessidade cultural de socialização, de vivermos mais ou menos agrupados em comunidades. Para nós, os humanos, o nosso *habitat* nos identifica, nos situa enquanto pertencentes a um lugar, e é exatamente a ideia de pertencimento a um espaço físico, a um território, a uma comunidade específica, o que nos proporciona necessidade e condições de interação uns com os outros e com o meio ambiente que nos envolve.

É importante esclarecer que o conceito de meio ambiente adotado aqui vai além das definições de senso comum, que, ao se referirem à relação entre o homem e o meio ambiente, promovem certo distanciamento entre os dois, é como se homem e meio ambiente estivessem numa demarcação espacial distanciados um do outro, representada pela noção intrínseca dos advérbios de lugar *aqui* e *lá*. É como se nós, seres humanos, estivéssemos *aqui* e o meio ambiente *lá*, externo a nós.

O que se defende aqui, com base nos pressupostos da Ecolinguística, Linguística Ecológica, é exatamente a ideia de pertencimento, ou seja, nós seres humanos, como as demais espécies vivas, também fazemos parte desse meio ambiente, compomos o que a ecologia biológica define como ecossistema. Pertencemos, portanto, ao meio ambiente, ao ecossistema, como mais um dos organismos vivos que o compõem.

Para a Ecologia e, por conseguinte, para a Ecolinguística, o conceito adotado para ecossistema é o que dá direcionamento para compreendermos as relações de interação entre todos os organismos vivos que compõem o meio ambiente, no caso, nós e os demais humanos, e nós e as demais espécies vivas. De acordo com Odum (2001), ecossistema é uma comunidade composta por organismos vivos que interagem entre si e com o meio ambiente físico trocando energia de forma simultânea. É oportuno utilizar aqui a analogia adotada pela Ecolinguística ao empregar a metáfora da rede para explicar como se dão as relações e as inter-relações entre os organismos vivos e o meio ambiente.

Segundo Couto (2007), para os estudos ecolinguísticos o que importa não são os seres ou organismos isolados que compõem um sistema, mas as inter-relações resultantes da “interação” entre estes seres ou organismos com o meio ambiente, e entre eles e as demais espécies vivas e não vivas. Para o autor, é dessa inter-relação que surge a linguagem/língua, principalmente da inter-relação dos humanos entre si e dos humanos na atuação e compreensão das realidades que compõem o que chamamos de mundo.

Neste sentido, portanto, pretende-se, neste artigo, relatar como se dão algumas interações e inter-relações entre as pessoas que compõem a comunidade de fala de Alter do Chão – PA, considerando especificamente aquelas relacionadas à Festa do Çairé/Sairé,¹ expressas por meio da escolha

¹ A palavra Çairé/Sairé será grafada neste artigo de duas formas: iniciadas Ç/S, seguindo o que se observa, pois são recorrentes as

das temáticas e dos recursos de língua/linguagem (verbal e não verbal) demonstradas durante a festa. Entende-se que estas sejam resultantes de uma interação maior que se dá entre língua (L), povo (P) e território (T), conforme compreendido pela Ecolinguística.

Com relação à coleta das informações acerca do festival do Çairé/Sairé, esta se deu por meio de observações empíricas, enquanto turista e participante da festa, em setembro de 2017, e por meio de conversas informais com moradores locais, quando foram passadas informações a respeito dos rituais e dos acontecimentos relacionados ao festival. Além disso, foram feitas gravações das apresentações ocorridas no Çairódromo/Sairódromo e consulta a *sites* e panfletos que objetivam propagar o festival com a finalidade de promover o turismo no estado do Pará e, especificamente, na Vila de Alter do Chão.

É importante ressaltar que não foram encontrados muitos estudos científicos relacionados ao festival e à Vila de Alter do Chão. O que se encontrou, em maior número, foram panfletos, sites de empresas de viagens, reportagens e propagandas voltadas a promover a visitação turística, com interesses meramente econômicos.

2 A ECOLINGUÍSTICA

Embora não seja o foco deste estudo fazer um longo levantamento histórico acerca do surgimento da Ecolinguística, é necessário situar esta área de conhecimento com relação ao seu surgimento e aos principais conceitos e abordagens defendidos por ela.

Alguns autores defendem que a Ecolinguística seja um novo paradigma para as ciências da linguagem, outros acreditam que a ideia de paradigma não contempla, satisfatoriamente, o que representam os estudos ecolinguísticos.

Neste sentido, Couto e Couto (2016, p. 94), ao recorrerem às concepções de Capra (1998), informam que “ela é uma nova maneira de se ver a língua e a linguagem em geral”. Para Couto (2013), essa ideia de paradigma estaria associada à ideia de mudança de atitude, de uma nova visão de mundo. Segundo o autor, para o mundo globalizado é muito difícil mudar a maneira de olhar as realidades do mundo, por isso, adotar a ideia de paradigma parece ser menos proveitoso ao humano moderno, uma vez que este teria que passar a compreender o mundo de uma outra forma e atualmente, ao que tudo indica, parece haver ainda pouca disposição social e intelectual para isso.

Outros autores defendem que é mais proveitoso, do ponto de vista científico e aplicado, entender a Ecolinguística como o estudo das interações e inter-relações entre língua/linguagem² e o meio ambiente, a partir de uma perspectiva da interação entre os organismos vivos e meio ambiente por meio da língua/linguagem, em especial, a linguagem verbal. E é neste sentido que esta ciência e suas concepções serão apresentadas aqui.

duas grafias. De acordo com o dicionário informal “a palavra Çairé deriva de çai e eré, significando saudação, de origem Tupy – “Salve! Tu o dizes.”, é um termo regional. A dupla grafia se dá porque inicialmente a festa tinha o mesmo nome de um instrumento, uma espécie de andor composto por três semicírculos de madeira, coroados por uma cruz e carregado pelas mulheres mais velhas durante a procissão. O instrumento recebe o nome de çairé, palavra de origem indígena. Com o passar do tempo, por questões político-partidárias e de correção linguística, o nome da festa passou a ser grafado com S – Sairé, uma espécie de aportuguesamento da palavra indígena çairé. Definição disponível em: www.dicionarioinformal.com.br. De acordo com Boyer (2016), a grafia “Sairé” se refere aos aspectos religiosos e a grafia “Çairé” se refere aos aspectos “profanos” da festa.

² Os termos língua/linguagem serão referidos, duplamente, em alguns momentos neste estudo, propositalmente, tendo em vista que, embora as análises priorizem o sistema linguístico com foco, portanto, a linguagem verbal, em alguns momentos se fará necessário mencionar outros tipos de expressões não verbais, como símbolos, cores, imagens e outras formas de representação que fazem parte do Festival do Çairé/Sairé.

Sabe-se, que há muito tempo, estudiosos e estudiosas vêm tentando compreender a linguagem humana e seu funcionamento. Desde a Antiguidade, com Heráclito, Parmênides, Crátilo e muitos outros mais, que adotaram a língua/linguagem como objeto de seus estudos. Diversas correntes e abordagens teóricas sugeriram, ao longo de décadas e décadas, séculos e séculos, com este mesmo propósito.

Uns buscaram compreendê-la partindo do seu funcionamento gramatical e estrutural. Outros partiram dos seus aspectos semânticos e discursivos. Há, ainda, os que partiram do ponto de vista comparativo, observando as semelhanças e diferenças entre as línguas do mundo, buscando encontrar, um grau de parentesco ou não parentesco entre elas, como os estudos comparativos, os estudos dialetológicos e, de certa forma, os estudos da geografia linguística, por exemplo.

De acordo com Petter (2002), os mais contemporâneos à nossa Era buscaram, e ainda buscam, compreendê-la do ponto de vista normativo/prescritivo, valorizando os modelos de língua idealizada, heterogênea, única, ressaltando sua perfeição formal, percebendo-a como um sistema composto por partes que se interligam formando um todo, como os estruturalistas.

Já os estudos linguísticos mais recentes têm abordado a língua sob o ponto de vista descritivo/explicativo, buscando reconhecer as diversas variedades existentes em uma mesma língua, identificando e valorizando as diversas formas que os falantes empregam a língua quando falam e quando escrevem, a depender dos contextos linguísticos e extralinguísticos, como é o caso da Sociolinguística, da Análise do Discurso e da Pragmática, por exemplo.

Porém, até onde se sabe um dos primeiros autores a definir a língua, no caso a linguagem verbal, a partir de uma relação desta e o meio ambiente foi Edward Sapir (1888-1939), na conferência de 28 de dezembro de 1911, na Associação Antropológica Americana, sob o título: “*Language and environment*”, traduzida para o português em 1969, por Joaquim Mattoso Câmara Junior sob o título: “Língua e ambiente” (COUTO *et al.*, 2016). Iniciava aí, portanto, uma forma de conceber a língua, diferenciada das demais conhecidas, até então.

A partir daí, outros passaram a associar a língua/linguagem, de forma mais concreta, a outras áreas do conhecimento como da biologia, da ecologia e do meio ambiente. Segundo Couto (2016), no início da década de sessenta Roman Jakobson associou “linguagem” e “ecologia”, embora o texto do autor tenha sido publicado na década de setenta.

Contudo, em 1971 o sociolinguista Einar Haugen, considerado o pai da Ecolinguística, foi quem a impulsionou como ciência, conceituando-a como sendo “o estudo das interações entre uma dada língua e seu meio ambiente”, isto é, o estudo da ecologia da linguagem (HAUGEN, 2016, p. 58).

De acordo com Siqueira (2015), Mühlhäusler considera o trabalho de Sapir e Whorf e os estudos de Humboldt como as raízes da Ecolinguística. No entanto, sabe-se que os estudos que relacionam língua e mundo, língua e sociedade, remetem a períodos anteriores, à antiguidade clássica, com base filosófica e fundada na relação palavra-coisa.

Conforme Couto *et al.* (2016, p. 19), a partir da segunda metade do século XX, vários estudiosos passaram a associar “língua” e “ecologia”.

A palavra “ecolinguística” apareceu por escrito pela primeira vez, três vezes, em Marcellesi (1975). No ano seguinte ela ocorreu de novo em Gobard (1976, p. 45), que fala de uma possível “etno-psico-sociolinguística da política cultural, que poderia ser o objeto de uma nova disciplina proposta por J. D. Palmer: a ecolinguística.

Ainda de acordo com Couto *et al.* (2016, p. 20), a partir da década de oitenta “a associação das palavras ‘língua’ e ‘ecologia’ vai se tornando cada vez mais frequente.” Daí em diante, o termo

ecolinguística e as ideias que relacionam “língua” e “ecologia”, “língua e “meio ambiente” aparecem com Bolinger, Enninger e Haynes, Fill, Trampe. Para Couto *et al.* (2016, p. 22), “o início da década de noventa do século passado pode ter sido um marco como surgimento da ecolinguística como disciplina acadêmica”.

No Brasil, a Ecolinguística vem ganhando espaço principalmente com as publicações do professor Hildo Honório Couto. Em 2007, o professor publicou a obra *Ecolinguística: estudo das interações entre língua e meio ambiente*, que aborda a teoria e seus pressupostos de forma ampla e um pouco mais completa. Daí por diante, muitos outros trabalhos vêm sendo publicados, tanto pelo professor Hildo, quanto por outros pesquisadores de diferentes áreas dos estudos linguísticos.

O que se observa frequentemente é que esta visão da inter-relação entre língua e meio ambiente tem se ampliado no Brasil e no mundo e, cada vez mais, a Ecolinguística vem se fortalecendo enquanto ciência e enquanto disciplina de estudo. Este fortalecimento pode estar relacionado ao seu caráter multidisciplinar, tendo em vista que ela agrega em si também conhecimentos de outras ciências, isso porque quando falamos de língua e meio ambiente envolvemos diversos outros fatores, como os sociais, culturais, políticos, econômicos, ambientais, biológicos, ideológicos e tantos outros.

Couto (2016, p. 255) defende que a Ecolinguística vai além de ser somente uma disciplina trans ou interdisciplinar, “ela é decididamente multidisciplinar, no sentido de que paira por sobre todos os modelos teóricos, podendo fazer uso pontual dos resultados de qualquer um deles, resultados estes que serão avaliados sob a perspectiva ecológica.”

Conforme já mencionado por diversas vezes, a Ecolinguística trata das interações e inter-relações entre língua e meio ambiente. De uma forma mais ampla, ela estuda a integração resultante entre “Língua (L) e Meio Ambiente (MA) via população (ou membros de P), bem como as relações entre os membros da (P) no meio ambiente, usando a língua” (COUTO, 2009, p. 127).

Sousa (2015, p. 106), com base em Couto (2007) e em Araújo (2014) explica que a tríade língua (L), população (P) e território (T) “configura o ecossistema fundamental da língua (EFL), com ênfase na língua em seu interior, o povo e o território constituem o meio ambiente (MA), o contexto fundamental para a língua”. E a autora continua afirmando que,

além disso, o ecossistema natural da língua é formado por um povo (P), que habita seu território (T), interagindo por meio de sua língua (L). Congregando nesse ecossistema, tem-se o ecossistema mental da língua que configuraria como a língua é formada, armazenada e processada no cérebro” (SOUSA, 2015, p. 106).

Neste sentido, então, os ecossistemas mentais, em conjunto, constituem o ecossistema social da língua, que por sua vez constitui as comunidades, que são os conjuntos de pessoas que comungam crenças, costumes, anseios, conflitos, ideologias, valores e outros pensamentos, mais ou menos comuns, que interagem entre si e entre o meio que as envolve, por meio da língua/linguagem, estabelecendo a relação entre língua e sociedade.

Ainda de acordo com Sousa (2015, p. 107), com base em Couto (2007),

podemos vislumbrar na ecolinguística a leitura da interação social, tendo como protagonista a linguagem, ressaltando a aplicação dos conceitos ecológicos nos estudos da linguagem humana, que são: o ecossistema, a população, o meio ambiente, a comunidade biológica, a interação, a diversidade, a porosidade, o holismo, a adaptação e a sustentabilidade.

Diante disso, ao se observarem as formas de organização e interação das pessoas que estão em Alter do Chão, durante a Festa do Çairé/Sairé, é possível identificar como se dão as relações entre elas (as pessoas) e o ecossistema e entre umas e outras entre si. Dito de outro modo, é possível ‘ler’ como se dá a interação social dos indivíduos, daquela população (P), naquele território (T), mediada na e pela língua/linguagem (L), configurando, portanto, a tríade da Ecolinguística, a relação entre Povo ou População (P) em um Território (T), mediada pela Língua (L), o que resulta no ecossistema linguístico em que aquelas pessoas estão inseridas.

3 LENDAS E TRADIÇÕES GANHAM VIDA NA E PELA LÍNGUA/LINGUAGEM NA FESTA DO ÇAIRÉ/SAIRÉ

a) O Festival do Çairé/Sairé

A Festa do Çairé/Sairé é um festival de manifestação popular que acontece, atualmente, no mês de setembro, na Vila de Alter do Chão, situada a 36 km de Santarém, no estado do Pará. A Vila se localiza na margem direita do Rio Tapajós e é famosa pelas suas belezas naturais, suas praias e as matas que a cercam.

A Festa do Çairé/Sairé é um evento tradicional da Vila, momento em que se congregam rituais religiosos, danças, músicas, culinária e encenação da lenda do boto. Um evento marcado por dualidades e ambiguidades, por ‘festa e fé’, ‘sagrado’ e ‘profano’, pois acontecem, ao mesmo tempo, manifestações religiosas e manifestações consideradas ‘profanas’, cristãs e folclóricas, encenadas pela população local.

No que se refere aos aspectos religiosos, a festa possui manifestações pertencentes à Igreja Católica que, em homenagem ao Divino Espírito Santo, realiza diversas celebrações e rituais pertencentes à tradição católica, como a celebração da missa, a realização de procissões, ladainhas, com cantos e rezas do catolicismo, resgatando, segundo os historiadores, uma tradição de mais de 300 anos que remonta ao período de colonização portuguesa, quando os índios boraris, antigos habitantes daquelas terras, organizavam rituais de boas-vindas aos colonizadores. Pesquisas em documentos e sites informam que a festa remete também ao período em que os jesuítas usavam música e dança para catequizar os índios durante as missões evangelizadoras ocorridas na bacia do Rio Amazonas.

Após a celebração da missa, que dá início à festa, foliões, alferes e o público saem em procissão fluvial, chamada Busca dos Mastros, que segue pelo Lago Verde até à floresta de onde os mastros são retirados e, de lá, são levados até à Praia do Cajueiro. A abertura oficial da festa se dá quando os mastros enfeitados, símbolo do evento, são buscados e levados em procissão da Praia do Cajueiro para serem hasteados na Praça do Çairé/Sairé. Estas celebrações e rituais caracterizam os chamados aspectos religiosos da festa.

Por outro lado, existem também as atividades intituladas ‘profanas’. São as atividades que envolvem rituais com temáticas que misturam lendas e mistérios e retratam a cultura dos povos indígenas e os antigos moradores da Vila de Alter do Chão, os caboclos, no período da colonização amazônica. Este lado da festa envolve diversas atividades, entre elas a apresentação competitiva entre os botos Tucuxi e Cor de Rosa, que acontece no Çairódromo/ Sairódromo, uma espécie de arena montada no centro da Vila Alter do Chão, no Lago dos Botos.

Na noite de competição, ocorrem desfiles de carros alegóricos criteriosamente enfeitados com fitas, tecidos e outros materiais bastante coloridos, com a predominância das cores rosa ou

cinza, a depender da equipe, retratando as temáticas escolhidas por cada equipe. Geralmente são temáticas que fazem referência à Floresta Amazônica e à lenda do boto/homem sedutor, que vive nas profundezas das águas do Rio Amazonas e do Rio Tapajós.

Diz a lenda, que o belo boto/homem ressurgue das profundezas das águas, se transforma em homem e seduz a cabocla ingênua que passeava distraída pelas margens do rio. Ele é o boto encantador, que depois de seduzir a cabocla com seus encantos, vai embora para o fundo do rio, abandonando-a à própria sorte. Embora o texto da lenda não se refira claramente à sedução da cabocla como sendo a concretização do ato sexual ocorrido entre o boto/homem (o branco português) e a cabocla (a índia), o que se sabe é que por tradição os filhos das mães solteiras eram referidos como os filhos do boto, como forma de preservação da honra da moça/cabocla e de sua família, uma vez que o ônus da culpa da sedução recai sobre o ardiloso boto/homem, o esperto e mau homem branco português que seduz a ingênua cabocla depois a abandona.

Além disso, nota-se que é também uma forma de diminuir as especulações acerca da paternidade dos filhos bastardos, nascidos da relação dos portugueses com as indígenas que viviam no local, no período da colonização portuguesa. Dizem que o famoso animal amazônico é um ladrão de corações nas vilas situadas à beira dos rios locais, o Amazonas e o Tapajós.

Durante as apresentações das equipes há também o desfile das rainhas da festa, Rainha do Lago Verde e Rainha do Artesanato, cada uma representando sua equipe, além da apresentação dos carimboleiros e carimboleiras³ que desfilam e demonstram uma sequência de danças regionais, encabeçadas pelo ritmo alegre e contagiante do carimbó e do lundu, danças com movimentos sensuais típicas da região Norte, mais especificamente do estado do Pará.

A sedução, a disputa, a conquista, a sensualidade e o encantamento, tudo isso é ‘interação’; a ‘interação comunicativa’ é o núcleo da língua para a Linguística Ecológica. Essa interação envolve elementos que vão além da linguagem verbal, são os principais temas das apresentações da festa, além das inúmeras referências à fauna e à flora da Floresta Amazônica. Durante as apresentações, parece ocorrer uma espécie de simbiose entre homem/natureza, os elementos da natureza, o boto/homem, a cabocla, o rio, a floresta e tudo que há naquele meio ambiente se fundem, são elementos com existência individualizada, mas que compõem, todos eles, a natureza, o ecossistema local.

De acordo com relatos dos moradores da Vila e com registros em sites e revistas que relatam sobre o Festival, durante décadas o caráter religioso prevaleceu como motivador da Festa do Çairé/Sairé, porém há vinte anos acrescentou-se a ela os aspectos da sensualidade e da disputa entre os botos para atrair a participação e o envolvimento dos mais jovens e dos menos religiosos.

O Festival do Çairé/Sairé atrai turistas de várias regiões do Brasil e do Mundo, prestigiadores do folclore, das tradições e da cultura popular. Além disso, a Vila de Alter do Chão conta ainda com diversos outros atrativos aos turistas, como as praias e a pesca, por ser localizada em um ponto estratégico, às margens do Rio Tapajós. As feiras de artesanato e as atividades relacionadas à fé católica também contribuem como atrativos turísticos ao Festival.

O Rio, por sua vez, é conhecido como o mar de água doce da região Norte, em função da sua grande extensão e largura, do seu volume de água e da diversidade de praias existentes ao longo das suas margens. Tudo isso compõe o pacote reservado às atrações turísticas, principal fonte de renda da Vila de Alter do Chão, denominado também por Caribe Brasileiro.

³ Termo que se refere às pessoas que exercem atividades relacionadas ao carimbó, como compositores/compositoras, cantores/cantoras e dançarinos/dançarinas de carimbó. De acordo com Nascentes (1966), carimbó é uma palavra de origem africana. Uma espécie de tambor de negros. Atualmente a palavra é empregada para se referir também à dança típica da região Norte do Brasil, em especial o estado do Pará.

De fato, lendas e tradições ganham vida na e pela linguagem na Festa do Çairé/Sairé. Durante as apresentações, tanto as religiosas quanto as ditas ‘profanas’, ocorre um festival de cores, símbolos, ritos, danças, expressões e palavras com significações muito específicas. Tudo tem um porquê, uma lógica do ponto de vista do imaginário.

Cada retratação tem um sentido próprio dado e acordado pelos integrantes daquela comunidade, formada por outras tantas comunidades menores, com a participação de diversas tribos indígenas, de associações locais diversas e dos cidadãos alterenses e santarenos, além dos visitantes e convidados vindos de outras localidades.

Nota-se que ocorrem, portanto, durante a Festa do Çairé/Sairé, inúmeras relações e inter-relações entre os organismos vivos – as pessoas –, em um espaço territorial específico, mediadas na e pela linguagem, constituindo, assim, em um todo, em um ecossistema, conforme definido pelos ecolinguistas, um conjunto de interações que ocorrem em determinado espaço geofísico habitado por organismos vivos, exatamente como acontece em Alter do Chão.

As informações aqui apresentadas relacionadas à Vila Alter do Chão e ao Festival do Çairé/Sairé foram obtidas tanto pela participação desta pesquisadora no Festival, na condição de turista e pesquisadora, quanto pela pesquisa realizada em sites como: <http://www.basilio.fundaj.gov.br>, <http://www.brasil.gov.br/noticias/turismo/2017>, <http://www.santaremtur.com.br/noticias>, entre outros. Além disso, a obra *Vila de Alter do Chão – o berço do Çairé*, organizada por Edilberto Ferreira, no ano de 2008, foi também uma importante fonte de consulta.

b) O homem, o lugar e a língua na Festa do Çairé/Sairé em Alter do Chão

Conforme exposto, o Festival do Çairé/Sairé consiste em um momento de interação e inter-relação entre os organismos que compõem aquela comunidade, por meio da integração entre o povo/população (P), o território ou espaço físico e a língua (L) formando metaforicamente uma “teia”, o que os ecolinguistas veem chamando de ecossistema integral da língua.

Apesar dos diversos possíveis enfoques científicos que poderiam ser dados aos elementos que compõem à festa, dentre eles o estudo do imaginário, o estudo dos discursos, ou o estudo dos aspectos meramente culturais e folclóricos que constituem a festa, optou-se por fazer um recorte de uma das faces dos estudos linguísticos, a dos usos de alguns itens lexicais recorrentes durante à festa.

De acordo com Sapir (1969), referendado anos depois por Couto (2007), ao se compreender a língua como a interação que se dá entre os indivíduos de uma comunidade e o território e entre os indivíduos dessa comunidade entre si, há duas faces em que ela, a língua, se subdivide: o léxico e a gramática. Além disso, segundo Sapir traduzido por Câmara Junior (2016, p. 38) “o léxico é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes.” Neste sentido, optou-se, então, neste estudo, pela observação de como o emprego de alguns itens lexicais refletem o ambiente físico e social daquela comunidade de fala e de língua.

Apesar do pouco tempo de contato com aquela comunidade, foi possível notar que diversas palavras empregadas para fazer referência aos objetos utilizados nos rituais da festa ou nas danças, nos cantos e músicas religiosas ou “profanas”, ou mesmo pertencentes a outros acontecimentos que compõem a festa, possuem empregos bastante específicos daquele lugar, daquele território.

Normalmente são palavras que fazem referência à fauna e à flora da região, são pertencentes a um campo semântico das coisas e objetos existentes e significativos para o povo daquele lugar, daquele território. Algumas são tão específicas que podem ser caracterizadas por léxicos especia-

lizados, conforme explicação dada por Sapir (2016, p. 39), “é importante assinalar que não são propriamente a fauna e os aspectos topográficos de uma região, em si mesmos, que a língua reflete, mas antes o interesse da nação nesses traços ambientais”. Aqueles animais e todos os elementos que compõem aquele contexto ambiental são importantes e fazem parte da vida cotidiana daquela população, daquele povo.

A título de exemplo, foram destacadas algumas palavras e expressões de emprego bastante recorrente por aquela comunidade de fala e de língua, no caso da língua portuguesa e de línguas indígenas existentes na região.

Quadro 1 – Alguns exemplos de palavras de uso bastante recorrente durante a festa

Rituais religiosos católicos	Rituais ‘profanos’	Elementos da natureza	Palavras e expressões próprias da festa
ladainha	sedução	cabocla	Çairódromo/ Sairódromo
missa	sensualidade	boto	Grupo Espanta Cão
rezas/cantos	dança	pássaros da região – aia-puru, arara	Boto Tucuxi
mastro	magia	rios	Boto Cor de Rosa
procissão	disputa	águas	Çairé/Sairé
fé	alegoria	índio	Rainha do Lago Verde
Deus	lenda	peixes diversos da região	Rainha do Artesanato
nomes de santos e santas diversos	encantamento	animais diversos da região	
crença	tradição	sol	
bênção	cultura	lua	
foliões	júri	floresta	
folia	shows	árvore	
barco	baile	sereias	

Fonte: elaborada pela autora.

Nota-se, portanto, que as palavras e expressões destacadas fazem parte da língua portuguesa, mas naquele ecossistema específico seus sentidos são alargados, ganham dimensões próprias naquele local, naquela comunidade de fala.

Se torna oportuno, aqui, conceituar ecossistema linguístico/comunidade de fala, considerando as concepções de Couto, Couto e Borges (2015, p. 106).

[...] ecossistema linguístico local ou a comunidade de fala em que se dá a ecologia da interação comunicativa é constituída por qualquer agrupamento de pessoas (P) que convivem de modo duradouro em determinado espaço (T) e que interajam (L) entre si, tanto que se fala também em comunidade de interação e até em comunidade de comunicação.

Ao se observar os usos das palavras e expressões exemplificadas no quadro acima e seus contextos linguísticos tão específicos, os falantes que as empregam, os elementos míticos, normativos e discursivos que compõem as “teias” de interação que se dão acerca do festival, percebe-se que manifestam na tríade ecossistêmica daquela comunidade de fala: um povo/população, que habita um local e que constrói suas relações e inter-relações por meio de um ecossistema linguístico, lançando mão de gêneros discursivos diversos.

De acordo com Silva e Couto (2015, p. 135),

o modo como os gêneros discursivos operam na articulação com os contextos de uso da língua se dá da seguinte maneira, conforme a perspectiva da análise crítica do discurso: eles são processos de interações entre língua e sociedade em que formas textuais e sentidos derivados dos propósitos das situações sociais se conjugam, estruturando os momentos reais de interação social.

Nota-se ainda que, além das palavras e expressões destacadas, todos os rituais, sagrados e ‘profanos’, são representados também por meio de outras formas de linguagem, as não verbais, como as cores, os carros alegóricos, as imagens religiosas, os elementos da natureza, normalmente plantas e animais que simbolizam toda uma situação que só tem sentido naquele ritual específico, naquele lugar, naquele território próprio, empregados por aquela comunidade de fala.

Outro aspecto relevante, a ser considerado, é a relação de respeito e adoração pela natureza. Tanto as representações discursivas, expressas por meio das palavras, quanto as representações não verbais, expressas por meio de símbolos e imagens diversos projetados durante o Festival narram a necessidade da preservação dos recursos naturais. Percebe-se, por exemplo, o homem como integrante da natureza, observando que sua destruição acarretará a destruição do próprio homem. Exemplos disso são as falas dos apresentadores do festival quando fazem apelo ao público chamando-o para a conscientização da necessidade de se preservar o meio ambiente; as alegorias e imagens representadas nos carros alegóricos; os rituais indígenas apresentados ao público; os discursos proferidos por oradores e oradoras de associações locais pedindo às autoridades proteção para a Floresta Amazônica e para os rios locais.

Nestes momentos, durante as apresentações ao público, tanto dos rituais indígenas, quanto nas representações feitas pelas equipes do Boto Rosa e do Boto Tucuxi, são evidenciadas uma relação diferenciada e ampliada entre o homem e a natureza. O homem é reconhecido como sendo a própria natureza, uma visão biocêntrica, diferenciada da visão etnocêntrica adotada principalmente pelas concepções capitalistas que acreditam que a natureza deve estar sempre a serviço do homem, atendendo-o nas suas necessidades. Ou seja, ela existe somente para garantir a existência humana no planeta. Dessa forma, a extração dos recursos naturais até o seu completo esgotamento passa a ser natural e justificável, pois o mais importante é a espécie humana, as demais espécies e toda a natureza estão para servi-lo.

O que se percebe, portanto, é uma espécie de paradoxo entre a visão, principalmente dos povos indígenas e a visão das demais comunidades, as não indígenas. Para os povos nativos, a natureza está além da existência humana, ela é vista como uma espécie de divindade, que precisa ser respeitada por tudo que ela generosamente nos oferece, pelo que ela nos permite desfrutar, suas águas, seus rios, suas florestas são lugares sagrados, aos quais o ser humano deve incondicionalmente respeito e obediência. Ela é a mãe natureza, que origina todas as espécies existentes no planeta, inclusive o próprio homem. Seus recursos não são, portanto, nem infinitos nem inesgotáveis. A natureza é maior e deve estar acima das necessidades humanas.

Para estes povos, para o humano entrar em um rio, por exemplo, é preciso pedir ao rio que lhe permita adentrar em suas águas, assim como deve ocorrer com os demais espaços sagrados existentes na natureza, é preciso referendá-los, em função da importância que a natureza e seus recursos têm para a vida humana. Não é concebível violentá-la em detrimento das explorações desenfreadas promovidas pelo capitalismo selvagem, uma visão, portanto, biocêntrica, exatamente como se posicionam os defensores das concepções da Ecologia Profunda.

Para estes ambientalistas, o meio ambiente não deve ser preservado apenas por causa da sua importância para o ser humano, mas por que é necessário promover o convívio harmônico entre a

natureza e o ser humano. Os defensores da Ecologia Profunda entendem que os recursos naturais são limitados, portanto, se esgotam se não são utilizados de forma sustentável. Além disso, defendem também “que todos somos parte de um único sistema, inseridos nos processos da natureza”. Assim sendo, é preciso respeitar e preservar cada elemento que a compõe para que a biosfera e todo o seu sistema seja mantido na mais perfeita ordem.

Estes posicionamentos em defesa da natureza e dos elementos que a compõem também são percebidos nas apresentações e nos rituais realizados pelos povos indígenas durante o festival. Ocorrem diversas manifestações do respeito, da adoração e da certeza de que os bens naturais não são infinitos. São posicionamentos e concepções, diferenciados da visão destruidora do homem moderno, urbano e capitalista.

4 ALGUMAS OUTRAS CONSIDERAÇÕES

No que se refere à perspectiva ecolinguística, Couto (2009 apud COUTO, 2013, p. 63) afirma que toda língua tem um território cuja comunidade nele interage verbalmente, e define a língua como sendo “o modo tradicional de se interagir verbalmente no seio do ecossistema linguístico ou, se preferir, da comunidade”.

É exatamente isso que acontece no Festival do Çairé/Sairé, as pessoas interagem, se inter-relacionam, se confrontam nas disputas entre ‘o sagrado’ e o ‘profano’, entre as equipes dos botos Tucuxi e Cor de Rosa, mas, ao mesmo tempo, se harmonizam em torno da proteção de interesses comuns, a cultura, a tradição, a diversão, a festa. São pessoas/povo/população (P) vivendo em um *habitat*/lugar/ território (T) que interagem por um ecossistema linguístico: língua/linguagens (L) comuns a esta comunidade. As pessoas presentes no Festival comungam entre si os valores, as crenças, os pensamentos e as ideologias, vivenciados em uma situação, em um contexto específico, por meio de uma espécie de acordo coletivo.

Para melhor qualificar as relações e inter-relações que ocorrem em Alter do Chão, no contexto mencionado, é oportuno recorrer ao conceito de comunhão, apresentado por Couto (2017) em seu blog, ao citar André Lalande (1956, p. 152) o ecolinguista enfatiza que comunhão é “similitude de sentimentos, de ideias, de crenças entre duas ou mais pessoas que têm consciência dessa similitude”. Por isso, comunhão é também “interatração ou agrupamento fundado sobre essa similitude”. O autor afirma, ainda, que comunhão é um conceito ecológico, tendo em vista que todos os seres vivos tendem a ter atos de comunhão, buscam estar agregados e em “similitude”.

Ao se observarem as formas de organização desta comunidade de fala e as formas de interação e inter-relações dos organismos vivos que a compõem, em especial no contexto do festival, nota-se que há uma convergência, um comungar de ideias, de energia e de esforços com objetivos comuns, darem “vida” aos acontecimentos do festival. Então, não há como negar que, de fato, fazemos parte de um ecossistema maior que em alguns momentos nos diferencia, mas que em outros, nos iguala às demais espécies vivas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. P. *O conhecimento etnobotânico dos Kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente*. 2014. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

- BOYER, V. “Sairé ‘religioso’ ou Çairé ‘profano’: uma patrimonialização em tensão”. 2016. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01415907/documents>. Acesso em: 28 jan. 2018.
- BRASIL PORTAL. *Festa de Sairé é destaque no turismo de Alter do Chão do (PA)*. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/turismo/2017>. Acesso em: 24 jan. 2018.
- CAPRA, F. Ecologia profunda: um novo paradigma. In: CAPRA, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- COUTO, E. K. N. N. do; COUTO, H. H. do. A dialetologia e a sociolinguística como precursores da ecolinguística. In: ORTIZ-PREUSS, E.; COUTO, E. K. N. N.; RAMOS, R. M. (org.). *Múltiplos olhares em linguística e linguística aplicada*. Campinas: Pontes, 2016.
- COUTO, H. H. do et al. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016.
- COUTO, H. H. do. *A língua não é uma coisa, é motraive*. 2013. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/07/a-lingua-nao-e-uma-coisa-e-motraive.html>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- COUTO, H. H. do. *Comunhão*. 2017. Disponível em: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/22dez.2017>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, L. A. de O. *Análise do Discurso Ecológica: ADE*. Campinas: Pontes, 2015.
- FERREIRA, E. *Vila de Alter do Chão: o berço do Çairé*. Santarém: Edição do Autor, 2008.
- FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Festa do Sairé*. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?view=article&id=1038%3Afesta-do-saire>. Acesso em: 16 mar. 2018.
- GOBARD, H. *L’aliénation linguistique*. Analyse tétraglossique. Paris: Flammarion, 1976.
- HAUGEN, E. Ecologia da linguagem. Traduzido do inglês por Hildo Honório do Couto. In: COUTO, H. H. do et al. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016.
- LALANDE, A. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: PUF, 1956. p. 152.
- MARCELLESI, J-B. Basque, breton, catalan, corse, flammand, germanique d’Alsace, Occitan: l’enseignement des langues regionales. *Langue Française*, v. 25, p. 3-1, 1975.
- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico resumido*. Brasília: Instituto Nacional do Livro: Ministério da Educação e Cultura, 1966.
- ODUM, E. *Fundamento de ecologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- PETTER, M. Linguagem, língua e linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- SANTARÉM E REGIÃO. *Tucuxi é tricampeão do festival dos Botos: ritual indígena e sedução nas águas encantaram*. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/festival-do-saire/2017>. Acesso em: 25 jan. 2018.
- SANTARÉM TUR. *Sairé: festa da religiosidade e cultura*. 2010. Disponível em: <http://www.santaremtur.com.br/noticiaseeventos/saire-festa-da-religiosidade-e-cultura>. Acesso em: 13 mar. 2018.

SAPIR, E. *Língua e ambiente*. Linguística como ciência. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969. p. 43-62.

SAPIR, E. Língua e ambiente. Traduzido do inglês por Joaquim Mattoso Câmara Junior. In: COUTO, H. H. do et al. (org.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: UFG, 2016.

SILVA, S. de S.; COUTO, E. K. N. N. do. A perspectiva ecolinguística dos gêneros discursivos: estruturas ideológicas das inter-relações. In: COUTO, E. K. N. N. do; ALBUQUERQUE, D. B. de (org.). *Linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica*. Brasília: Thesaurus, 2015.

SIQUEIRA, K. M. de F. Do Vai-Vem passando entre rios até Ipameri (GO): considerações acerca da mudança toponímica. In: COUTO, E. K. N. N. do; ALBUQUERQUE, D. B. de (org.). *Linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica*. Brasília: Thesaurus, 2015.

SOUSA, R. M. de. A ecolinguística e a educação no campo. In: COUTO, E. K. N. N. do; ALBUQUERQUE, D. B. de (org.). *Linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica*. Brasília: Thesaurus, 2015.